

GAZETA MEDICA DA BAHIA

DIRECTOR EFFECTIVO
Prof. Dr. ARISTIDES NOVIS

REDACÇÃO

CLEMENTINO FRAGA, GARCEZ FRÓES, PINTO DE CARVALHO,
GONÇALO MONIZ, MARTAGÃO GESTEIRA, PRADO VALLADARES,
CESARIO DE ANDRADE, FERNANDO LUZ, J. ADEODATO.

Professores da Faculdade de Medicina

REDACTOR-SECRETARIO
Dr. ARMANDO SAMPAIO TAVARES
Assistente da Faculdade de Medicina

VOLUME 54

NUMERO 3 * SETEMBRO 1923

BAHIA
ESTABELECIMENTO DOS DOIS MUNDOS

35, Rua Conselheiro Saraiva, 35

1923

SUMMARIO

IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM ÀS CALDAS DO CIPÓ — pelo Dr. Genesio Salles.....	Pag. 319
A CONSANGUINIDADE E O CODIGO CIVIL BRASI- LEIRO — pelo prof. Gonçalo Moniz.....	» 335
SOCIEDADE MEDICA DOS HOSPITAES DA BAHIA.....	» 351
REVISTA DAS REVISTAS.....	» 366

ASSIGNATURAS

Pagamento adiantado

PARA A CAPITAL	FÓRA DA CAPITAL
Por um anno . . 15\$000	Por um anno . . 20\$000
Por seis mezes . 8\$000	Por seis mezes . 12\$000

Numero avulso 2\$000

Os academicos de medicina pagarão apenas 12\$000
por anno ou 6\$000 por semestre.

A redacção não se responsabiliza pelos artigos assignados.
Unico agente para a França — *Société Fermière des Annuaires*
53 Rue Lafayette — PARIS.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Chile n. 26-(1.º andar)
(Teleph. 738)

BAHIA

GAZETA MEDICA DA BAHIA

FUNDADA EM 1868

Vol. LIV

Setembro 1923

N. 3

IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM ÀS CALDAS DO CIPÓ

Estudo clínico de suas aguas

PELO

Dr. Genesio Salles

I

Duas Palavras

Dando á publicidade estas modestas notas, que dedico á *Gazeta Medica da Bahia*, não me preocupa a vaidade de ser auctor, nem tão pouco tenho em mira quaesquer interesses pessoaes. Ao revez disto, desejo tão sómente prestar um serviço á unica estação hydro-mineral do Estado, fornecendo aos doentes de varias enfermidades, bem como aos clinicos, alguns informes sobre as extraordinarias virtudes de suas aguas.

Escriptas, parte nos rapidos momentos de repouso de uma viagem penosa, para não embotar a vivacidade das emoções, e completadas no proprio scenario onde se agitam os varios assumptos que as constituem, conservam por isso o cunho das impressões mais frescas. Procuro esboçar, sem atavios de linguagem, sem preocupações de estylo, algo do que tenho visto neste rincão bahiano, onde, nenhum dos nossos clinicos, parece-me, supportou-lhe ainda as agruras em prazo bastante para estudal-o e defini-l-o.

A nossa estância, adorada pelos doentes e admirada pelos habitantes do nordeste bahiano, jaz immersa no mais condemnavel abandono, justamente porque não teve ainda quem lançasse á publicidade as admiraveis credenciaes de suas aguas, verdadeiramente miraculosas no resolver situações morbidas de grandes responsabilidades. Em nosso meio

medico, quer na Sociedade Medica dos Hospitales, na Sociedade de Medicina, quer na imprensa medica, não se ventilou ainda o transcendente assumpto das aguas do Cipó, apezar de muitos dos nossos scientistas conhecerem de perto as suas virtudes.

Que não se veja neste despretencioso estudo senão a muita vontade de ser sincero, de descrever os assumptos talqualmente foram colhidos, sem os exaggeros e as idéas preconcebidas que tanto deformam a verdade dos factos. Por isso mesmo sómente registro e commento, na parte clinica, os casos de observação pessoal, com ligeiras referencias a alguns outros, quando o momento exige.

Este sertão é bem semelhante ao descripto pelo nosso immortal EUCLYDES DA CUNHA; por isso conservo no texto, devidamente aspeadas, algumas expressões suas que muito bem definem certos aspectos.

Será para mim motivo de grande satisfação se algum dia puder verificar que o meu esforço, objectivado neste trabalho, não deixou de contribuir, como parte minima embóra, para o progresso das nossas thermas.

HISTORICO

SUMMARIO. — 1.^a exploração. — O Itapicurú e suas riquezas. — Abandono da nossa Estancia e suas possibilidades de progresso. — Estradas de rodagem e de ferro. — Tentativas de protecção official. — Iniciativas particulares. — Má estrella.

Data de 1843 o primeiro acto do governo em relação á nossa estancia hydro-mineral.

Por deliberação da Assembléa Legislativa da então Provincia da Bahia, foi nomeada uma commissão de chimicos eminentes da epoca, para se occupar da analyses das aguas do Cipó.

Apezar das deficiencias technicas e das difficuldades oriundas do meio, apresentou essa commissão ao Governo

um relatório circunstanciado dos seus trabalhos, em que, a par dos informes sobre a constituição chimica destas aguas e os processos de analyses empregados, salientava qualidades therapeuticas de grande valia e as possibilidades do seu aproveitamento como fontes de riqueza do Estado.

Transcorrido quasi um seculo da sua exploração inicial, ninguem daquella epoca poderia suppôr que a nossa unica estação balnearia permanecesse por tanto tempo entregue a si mesma, ás proprias leis naturaes que ainda lhe zelam o destino, atravessando tantos decennios sem o menor carinho official.

Ninguem poderá contestar que a crenotherapia bahiana tenha nas aguas do Cipó a sua representação mais genuina; e talvez mesmo em todo paiz nenhuma estação hydro-mineral a supplante em virtudes medicinaes.

Nestas linhas aqui traçadas, desejo tão sómente, com a responsabilidade do meu nome obscuro, trazer aos collegas alguns informes sobre este inestimavel thesouro que o nosso Estado possui nas margens do Itapicurú.

Não me quero referir ás minas de diamante agora descobertas nas visinhanças deste rio, em trecho perto da estação do Apporá, para onde se estendem actualmente as vistas do estrangeiro ambicioso, mas sómente ás preexcellentes credenciaes das aguas do Cipó, Caldas do Cipó, Vertente da Mãe d'Agua do Cipó, como se denomina a maravilha, o presente extraordinario da natureza, que a Providencia, por ironia da sorte ou mero capricho do destino, collocou em recanto tão esquecido do nosso Estado, onde a civilização não conseguiu ainda penetrar, nem mesmo os serviços da humanitaria Rockefeller.

Quem conhece o abandono criminoso em que vive a nossa estancia, quem sentiu de perto as miserias desta zona e se beneficiou com os prodigios de suas aguas, não verá por certo nestas linhas nenhum exaggero, pois procuro pintar fielmente, sem carregar nas côres, o quadro que se apresenta ao viajante ou a todo aquelle que as circumstan-

cias levaram a contemplar este primitivo panorama da nossa terra.

Fallo como medico e como clinico, insistindo em declarar que nenhum interesse me move senão prestar um serviço aos collegas que não conhecem as virtudes da nossa estação thermal e aos doentes de diversas enfermidades que aqui encontrarão a cura certa dos seus soffrimentos.

Conhecedor desta zona, das suas necessidades e das possibilidades de progresso, do valor das suas aguas consideradas milagrosas na expressão dos habitantes do nordeste, sómente agora, após 5 viagens exclusivamente de estudo e acurada observação clinica, resolvi escrever algo a respeito deste abençoado recanto.

Inspirei-me no exemplo de CAIO MOURA. O eminente cirurgião, visitando as Cachoeiras de Paulo Affonso, registou as suas impressões, descrevendo aquella colossal fonte de progresso: 2 milhões de cavallos vapôr. . . «essa formidável força latente que tão extraordinarios thesouros encerra, ao despertar para as gerações futuras, regeirá indubitavelmente os destinos financeiros da nossa grande nacionalidade».

Conheço Cipó ha cerca de 10 annos e tenho acompanhado com a mais viva sympathia tudo que lhe diz respeito.

Mal transpunha os humbraes da nossa Faculdade Medica, já sentia o meu espirito voltado com profunda gratidão para esta fonte de saúde e riqueza.

Os efeitos das suas aguas já antes de 1843 eram vulgarizados e dos seus valimentos medicinaes dão sobejos testemunhos milhares de curas realizadas.

Entretanto das aguas minero-iaticas indigenas, talvez sejam as unicas em que não se cogitou conhecer o grão das propriedades radio-activas, nem tampouco estudar-lhes todas as propriedades.

Sem fallar nas estações mineraes da França e da Allemanha, onde a administração publica lhes dispensa cuidados de mãe amoravel, lancemos o olhar curioso para Minas

e S. Paulo sobretudo e veremos a vasta bacia hydro-mineral tão bem aproveitada pelo patriotismo dos governos, que zelam com carinho esses valiosos presentes da natureza.

O progresso da nossa estancia está dependendo unicamente da construcção de uma estrada de ferro ou de rodagem que solucione praticamente o problema dos transportes. Mas esta iniciativa necessita da tutela official e por isso com muito pouca probabilidade de se realizar.

Se os nossos governos já lhe tivessem estendido o manto protector, facilitando os meios de transporte e melhorando as condições destas fontes, certamente as rendas já teriam compensado as despezas, pois a corrente emigratoria de patricios nossos, que procuram em outras estancias o allivio para seus males, seria attrahida pelas virtudes destas aguas já fartamente attestadas por pessoas da mais alta representação social deste e de outros Estados.

As caldas do Cipó não têm tido a sorte das suas collegas; sempre u'a má estrella a acompanhar-lhes os passos!

Diversas tentativas de protecção official tem ficado em projecto.

Em 1843 apenas receberam estas aguas o baptismo scientifico sem qualquer outra vantagem.

Do relatorio apresentado pela Commissão de estudo constituída pelos Drs. Eduardo Ferreira França, Ignacio Moreira do Passo, Manoel Rodrigues da Silva, destaco alguns topicos: «Pela margem do rio Itapicurú, em uma extensão de quasi 11 leguas, se acham collocadas irregularmente as vertentes das aguas mineraes, que mais ou menos se avisinham da sua borda; apresentam uma temperatura superior á do ar ambiente. Não sabemos se em parte alguma do mundo existe uma estancia hydromineral que attinja semelhante extensão (quasi 11 leguas)». Desse exame resultam estes informes: «as aguas são consideradas como pertencentes á classe das mineraes salinas e thermaes e assignaladas como tonicas e excitantes de effeito purgativo, quando applicadas internamente». E terminam o relatorio

indicando-as, «nas doenças chronicas do tubo digestivo, paralyrias longas, rheumatismos, rebeldes, doenças escrophulosas e rachiticas e em muitas doenças nervosas; na mór parte dos casos em que a economia animal padece de atonia; na dyspepsia, leucorrhéa, chloroses etc., tambem têm produzido grandes effeitos na cura das molestias de pelle. O que melhor prova a acção dessas aguas nas doenças herpeticas é a seguinte observação que fizemos quando estavamos na missão da Saúde» (descreve).

Após os informes desse relatório que tão eloquentemente fallava aos espiritos mais propensos ás grandes iniciativas, como a exigir os beneficios necessarios ao progresso desta estancia, o governo provincial julgou que para tanto bastaria a nomeação de um medico, cujas attribuições consistiam apenas em registrar os mais bellos casos de cura.

Longos annos decorreram sem que nas regiões officiaes se agitasse o transcendente problema das Aguas do Cipó; apenas em 1895, segundo informações de Vianna Junior, apparece, transformado em lei, um projecto para a fundação de um estabelecimento balneario etc.; mera tentativa. E diz PRADO VALLADARES em formoso artigo: «E só não se apagou da memoria humana a existencia das aguas do Cipó, porque os seus prestimos curativos se registam numerosos e empolgantes, ainda que colhidos sem methodo, sem arte, ao léu da inspiração profana, da medicina de palpite». Dou parabens ao eminente professor pelo modo porque soube comprehender as virtudes dessas aguas e ainda pelas bellas apreciações a respeito, transcriptas na *Illustração Brasileira*, em que não se sabe que mais admirar: se a belleza da fórma se a profundeza dos conceitos; dou parabens a mim mesmo por haver tido a oportunidade de ler tão bellas palavras.

Raros e escassos são os documentos da sua historia. Os que existem porem, são eloquentes para o caso especial que consideramos. Dizem de modo inilludivel que, quando a

commissão medica em 1843, após os exames, não se que-
dava indifferente e, unvida de grande dose de patriotismo,
aconselhava e pedia a protecção official, o villarejo se repre-
sentava apenas por duas casas pertencentes ao governo e
alguns casebres de palha nas cercanias; e assim atravessou
longos annos de vida obscura, desadorado dos chronistas
daquelles tempos como dos jornalistas de hoje.

Sabemos ainda que em 1843, o então presidente da Pro-
vincia, Antonio Cecilio de Sá e Albuquerque, communicava
á Assembléa ter gasto 100\$000 durante o anno, para custear
os concertos de uma das casas; e ainda em 1879 o Barão de
S. Francisco fazia ver á Assembléa Legislativa as vantagens
para o Estado, da exploração destas aguas.

Em 1912, commissionados pelo governo federal, alguns
engenheiros iniciaram os estudos da projectada linha ferrea,
apresentando em relatorio as suas idéas sobre o traçado,
bem como as vantagens de tão grande melhoramento; mas...
tudo dorme nas gavetas dos ministerios.

Por esta occasião, a fama justamente adquirida destas
aguas, despertou a attenção de alguns capitalistas da nossa
praça, que organisaram a Empreza das Aguas do Cipó, tendo
por objecto a exploração dellas, com a respectiva concessão
do governo.

Foi então que uma febre de enthusiasmo se diffundiu
por toda a população deste arraial e dos logarejos visinhos,
e todas as actividades se concentraram e se orientaram no
mesmo sentido, visando o progresso da zona.

Deu-se inicio á construção do edificio da Empreza.

Os matutos, já affeitos ás mais duras necessidades, em-
pregaram-se como trabalhadores, e tiveram dias de fartura
e alegria. O commercio se movimentou em fornecimentos
avultados e tudo vaticinava futuro risonho como premio a
iniciativas certamente victoriosas.

Despenderam-se algumas centenas de contos em encom-
endas de vulto, machinismos de toda a sorte para instal-
lação do primeiro estabelecimento balneario do Estado,

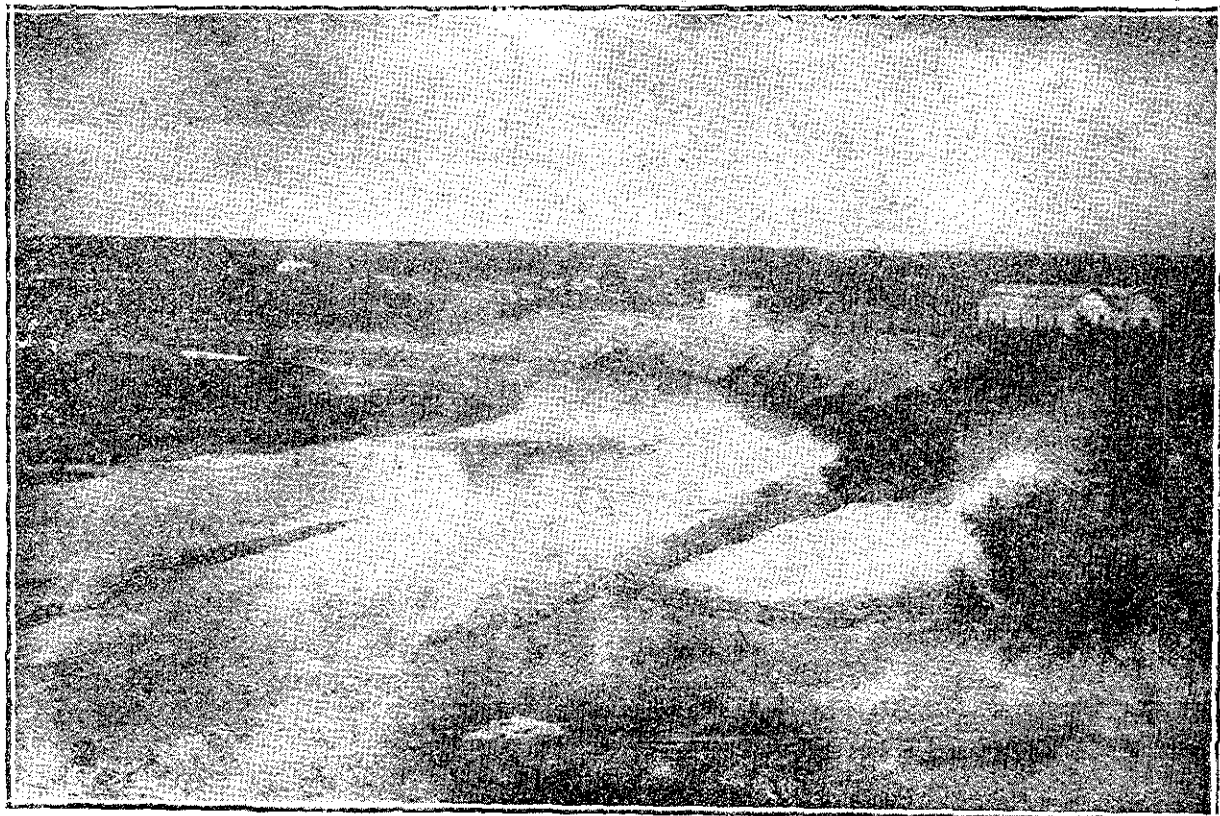
onde a electricidade e a mecanica teriam os seus representantes mais legitimos, de accordo com as necessidades de um serviço modelar em estabelecimento desta natureza. Mas... não passou de um sonho!!

A promessa do governo federal, tão bem auspiciada, morreu quando nascia promissora, sem uma justificativa de consolo, deixando já quasi prompto o edificio da Empreza com todas as machinas installadas.

Uma das photographias dá idéa do que existe hoje, completamente abandonado, á mingua de um gesto de carinho que ponha embargos á acção nociva da poeira, da ferrugem e dos inconscientes.

Não se descuidaram os concessionarios da propaganda: por essa occasião foi publicado um folheto em que se registavam os mais bellos casos de cura, de envolta com os attestados mais valiosos assignados por pessoas do mais elevado conceito social. Foi então que o Prof. MARTINA examinou estas aguas por parte dos interessados. A miragem do progresso não se desvaneceu por completo do espirito do cipoense já tantas vezes traumatizado por tão grandes desillusões.

Em 1920, ao iniciar o 2.º quatriennio, o Dr. José Joaquim Seabra incluia no seu programma de governo, publicado no *Diario Official*, numero de grande valia para o futuro da nossa estancia. Commentava as enormes vantagens da exploração destas aguas como fontes de riqueza para o Estado e o Paiz, enaltecendo-lhes as virtudes medicinaes, com a promessa de construir uma estrada de rodagem até Cipó, entre outras que cortariam o sertão bahiano. Infelizmente a promessa official, que surgia sob os melhores auspicios, não se realisou. E assim se fechou o cyclo das providencias tomadas pelos governos desde o imperio, sobre as aguas do Cipó.



VISTA GERAL DO CIPÓ (Tirada do Poente)

VIAGEM

SUMMARIO. — *Cajueiro*. — Preparativos para a viagem. — Aspectos physiographicos. — *Bom Jesus*. — A natureza. — *Bôa Vista*. — (Como se justifica o nome). — *Taboleiros*. — *Mocambo*. *Paidiá*. — A estrada. — *Soure* (signaes caracteristicos). — Rumo a Cipó — *Caatingas*. Informes.

Às 7,20 da manhã partimos da Calçada, rumo a Cajueiro (estação do Apporá) onde chegamos ás 16 1/2 horas.

Cajueiro tem o traço caracteristico de todos os logarejos á margem das estações da Estrada de Ferro: 2 pequenos hotéis ahí existem. Os seus proprietarios, desaffectedos, como officiaes do mesmo officio, procuram augmentar o numero dos clientes, caprichando em accommodal-os do melhor modo.

Janta-se, dorme-se regularmente, e espera-se a madrugada para a partida. Ao viajante que da Capital se destina ao Cipó, o clima de Cajueiro não passa despercebido. De facto, o thermometero oscilla em grãos dispropositados, passando em Julho e Agosto, dos dias com 28° — á sombra para as noites e madrugadas intensamente frias.

Carros de boi toscamente paramentados, animaes em condições de serem cavalgados, carreiros e tropeiros, com vestes de couro, physionomias inexpressivas, porte desgracioso, tudo isto impressiona a quem pela primeira vez viaja. Após o demorado trabalho destes pobres matutos, seguimos com destino a Bom Jesus, iniciando assim a penosa travessia, entregues aos caprichos de uma conducção por demais grosseira, neste seculo de aviões e submarinos.

São 6 horas da manhã. Aos nossos olhos, desenrolam-se, como film cinematographico, panoramas ineditos, registando-se em nossa curiosidade contemplativa todas as minucias da vida bucolica dos sertanejos, tão bem cantada em prosa e versos por escriptores indigenas.

São 5 leguas a percorrer, no passo cadenciado e tardonho da alimaria.

Os primeiros panoramas nos impressionam suavemente: estrada ampla, «solo gretado e duro» sem os desnivelamentos de outros pontos, permite travessia desafogada.

Margendo a estrada a vegetação se desenvolve sadia, sem apresentar entretanto a exuberancia das zonas do littoral, nem do sertão do sul.

Este pequeno trecho que percorremos diverge dos que vamos bosquejar dentro em pouco: é menos revolto e menos arido. Não possui o estigma das «zonas flagelladas pelas seccas». Vegetação verdocnja, eleva-se com frequencia em arvores de alto porte, onde predominam os cajueiros e as baraunas inçadas de sambambaias, que, sombreando a floresta nas horas calmosas, offerecem ao viajante fatigado a hospitalidade de um abrigo.

Outras vezes, pequenos claros se abrem, deixando ver vegetação mais rudimentar, onde mal se desenham os signaes de uma natureza que se vae tornar ingrata.

Em todo este trajecto, de Cajueiro a Bom Jesus, é onde a estrada se patenteia mais amiga pela estructura do solo. Terra dura, que não se deixa sulcar pelas rodas dos carros, nem tampouco lhes regista as pegadas, parece mais adaptavel a optima estrada de rodagem. Solo naturalmente drenado, deprimindo-se em alguns trechos em «ipueiras rasas», ephemerass nas estações quentes, persistentes durante o inverno, raramente se encrespa ou se sulca com as enxurradas, para difficultar a passagem dos carros.

Apenas em 3 pontos a estrada se torna accidentada, ença-se em porções pedregosas, susceptiveis, porém, de se beneficiarem com ligeiros reparos. Vencida a primeira legua a estrada amplia-se, deixando-se atravessar pelo Rio das Pedras, cujas aguas deslisam mansamente sob a sombra de arvores copadas. Essa pequena paisagem, a que o rio empresta bellissimos effeitos, convida o viajante a ligeiro repouso. Mais adiante a paisagem assume algo de pintu-

resco: em meio da estrada que se alarga e se encrespa, atravessa um pequeno rio, de aguas crystallinas, correndo serenamente sob o sombreado das baraúnas frondosas.

Estamos a duas leguas de Cajueiro, á margem do pequeno rio Bangú, que vamos atravessar em meio minuto.

Até aqui encontramos, á beira da estrada, alguns casebres de gente pobre, além de 3 fazendolas no meio da floresta; algumas cruces marcam os pontos onde se inhumaram habitantes e viajantes victimados por doenças ou accidentes.

O culto dos mortos impressiona. O matuto requinta-se em carinho pelos que já se foram: ora construindo humildes mausoléos, como gratidão posthuma a um parente ou amigo, ora uma simples cruz enterrada sobre a sepultura, «para que não fiquem de todos abandonados e os rodeiem sempre as preces dos viajantes».

Vemos assim, numa constancia de impressionar estes rusticos monumentos funebres, de Cajueiro a Cipó, em cujas cercanias abundam.

O pequeno trecho deste rio offerece-nos algo de commovedor: ao pé de copada arueira destaca-se uma cruz sobre pedras arrumadas; uma toalha arrendada e alvissima occulta-lhe os quatro angulos onde existe sempre uma «flôr, um ramo, uma recordação fugaz, mas sempre renovada».

Adeante estende-se a estrada que nos leva a Gangu, pequena povoação, com 18 casas, uma vendola, e uma capellinha. Continuamos a viagem... 9 horas... os bois arfando de cansaço... mais uma legua, e eis-nos em Pedreira, grande fazenda, cujo proprietario, aproveitando a constituição do solo de pedra calcarea, retira a materia primá para a fabricação da cal.

Ahi descansamos para o almoço. É um trecho bem povoado; diversas fazendas e alguns casebres dispersos pela matta e pelos taboleiros se estendem até Bom Jesus. Partimos ás 14 horas chegando ás 16 em.

BOM JESUS OU VILLA RICA

Pequena villa de clima saudavel, demorando a 5 leguas dõ Cajueiro. Resume-se em um largo constituido por 131 casas; no centro o barracão da feira, e ao lado uma bonita capella, cuja construcção se deve a Antonio Conselheiro quando em peregrinação por esta zona. Mais uma rua com 40 e tantas casas, completa-lhe a feição de logarejo emergindo de vasto taboleiro. Não ha hotel. Ahi dormimos arranchados pela bondade hospitaleira de D. Marianna.

DE BOM JESUS A MOCAMBO

Partimos ás 4 horas da madrugada em demanda de Mocambo a 5 leguas distante.

Iniciada a travessia o viajante vae se affeiçoando á observação minuciosa da natureza. A principio impressiona-o a constituição do terreno; não tem mais os caracteres estructuraes do primeiro trecho vencido; a areia não favorece a marcha, tornando-a mesmo penosa sob os raios quentes do sol que ella reflecte.

A estrada areenta, que começa em Bom Jesus, acompanha o viajante até Cipó. e constitue por si só o espantallo dos constructores de estradas de rodagem.

Após os primeiros kilometros em que a viagem é feita em meio de vegetação caprichosa, de uma floresta densa, aos lados do caminho «ondulam taboleiros rasos».

A duas leguas adiante, as paisagens mais bellas se verificam, alguns kilometros em torno de um velho cemiterio. «Sombranceando a vegetação franzina» dos taboleiros, arvores caprichosas esgalham-se elegantes, desafiando o pincel do artista e o sentimentalismo dos poetas. É onde a natureza timbra em ser mais bella, estendendo-se ainda em terrenos sombreados de joazeiros altos até Boa Vista, onde só se encontra uma casa á beira da estrada.

Sómente ahi comprehendemos melhor a topographia do terreno: estamos no cimo de uma serra de onde obser-

vamos de grande altura o valle que se estende como um immenso lençol verde-cinzeno, dando-nos a illusão perfeita de um seio de mar. Contemplando os traços mais afastados do panorama vemos que o valle se alteia ao longe em serranias orladas de vegetação variada, em que a grande distancia mal permite observar-lhe as particularidades, emquanto nos planos mais proximos, o olhar curioso minudêa-lhe os traços mais característicos: são casas distanciando-se de muitos kilometros, fazendas e roçados multiplicando-se a perder de vista, cercas e arvores a granel, clareiras que se estendem, tudo isto misturando-se e confundindo-se como se fôra uma carta geographica.

Continuamos a viajar. A natureza transforma-se de chofre e empobrece-se, «despindo-se das grandes mattas»; rareiam as arvores de vulto e a vegetação se «estira em taboleiros immensos e exsiccados». O solo mais arenoso cobre-se de flora mais rarefeita, pois as chuvas «longamente intervaladas» mal o embebem.

São 8 horas e ainda não vencemos 3 leguas. Urge proseguirmos.

De Mocambo nos separa ainda quasi 3 leguas e em todo este trajecto não existe uma só casa. Dahi por diante patenteiam-se ao viajante os mesmos quadros, taboleiros immensos e terrenos desabrigados que se estendem margeando a estrada, num «horizonte invariavel».

As vezes, por entre a vegetação uniforme, a vista se alonga até serranias de um verde azulado, esmaecido pela distancia que as confunde com o azul do ceu. Mui raramente alegram-nos o olhar «pequenas emersões de terreno fertil» que se cobre de vegetação mais viva.

Meia legua aquem de Mocambo, o scenario transforma-se de chofre, a estrada se endurece e se accidenta em barrancos multiplos e a flora se alteia e se reanima.

Viagem fatigante, sob um sol ardente, exige-nos repouso. São 11 1/2 horas e descansamos em Mocambo para o almoço.

MOCAMBO OU NOVA OLINDA

É uma pequena povoação.

Este humilimo logarejo se resume em um grupo de pequenas casas de construcção leve em derredor do barracão da feira, tendo ao lado uma capella em ruínas, duas ou tres lojas, uma das quaes bem sortidas, a do Capitão Vivi.

Algumas fazendas e casebres animam-lhe os arredores.

Após o necessario descanso, fizemos rumo ás 15 horas para Paiáia.

São 2 leguas e meia que bem se poderiam reduzir de 1 legua, para tanto bastando alguns dias de trabalho, no intuito de aterrar pequeno atoleiro, melhoramento esse que muito abreviaria a jornada. Mas os matutos não levam muito a serio qualquer iniciativa de interesse colectivo.

Atravessamos alguns kilometros adiante um pequeno rio, e ahí começa o regimen das caatingas até

PAIÁIA

Onde pernoitamos.

Pela manhã, mal dissipadas as brumas da madrugada, nos impressionou a belleza da paizagem: o terreno, mal coberto por flora rudimentar de graminea, se accidenta em ondulações extensas e suaves; o olhar do observador alcança, no mesmo golpe de vista, muitas leguas em torno, até se perder no horisonte longinquo.

Paiáia é constituida por diversas fazendas; sem ruas, sem lojas, sem capella e sem o classico barracão; é um descampado onde vigam aqui e alli cajueiros e coqueiros.

Entre Paiáia e Soure medeiam 3 leguas, percorridas sobre terreno hostile e desigual.

Aqui, fortes depressões que intimidam os carreiros; mais adeante, ladeiras pedregosas que se succedem displiscentes; a certa altura, solo barrancoso difficulta a passagem, para depois se transmudar em «chão estriado de enxurros». Não obstante isto, o matuto não se move,

não procura substituir esta estrada por outra mais accessivel, desviando-a por dentro da caatinga; as suas energias inutilmente desperdiçadas «na indisciplina da vida sertaneja» mal lhes amenizam as necessidades mais prementes.

Deixemos por emquanto as caatingas que se desdobram em nossa frente, leguas e leguas, sempre immutaveis».

Palmilhando por 2 horas este trecho ingrato, eis-nos nos arredores de Soure ou Natuba, onde de distancia em distancia despontam vivendas pobres, algumas desertas, outras em ruinas, «tectos deprimidos sobre 4 muros de barro». Avançamos mais alguns metros, e, depois de uma curva, distinguimos o perfil de

Soure ou Natuba

com sua igrejinha branca, parecendo enviar-nos de longe, uma saudação affectuosa. É talvez a mais antiga das villas do nordeste bahiano; ha muito mais de um seculo deixou de ser arraial.

A impressão que se tem ao chegar é das mais agradaveis: praça larga e rectangular, ornamentada por alguns tamarindeiros; no centro o indefectivel barracão da feira e mais alem a bella igreja, ha pouco reconstruida em estylo moderno.

Cerca de 97 casas de telhas contornam a praça e mais 60 se distribuem sem ordem pelos arredores, em descampados e taboleiros onde vicejam arvores vultuosas e coqueiros eminentes.

Surprehede e impressiona o viajante a vida triste dos habitantes: durante o dia, aberta uma ou outra casa, Soure figura-se um logar em abandono. Os moradores, roceiros na mór parte, passam os dias fóra, em trabalhos; e assim a sympathica villa jaz immersa em uma tristeza acabrunhadora; raramente um incidente alegre rompe-lhe a vida monotona.

As 15 horas puzemo-nos a caminho do Cipó. São apenas

mais 3 leguas, das quaes uma subindo a serra em terreno de areia frouxa; mais uma no planalto e outra descendo, sempre sobre areia.

Não existe por ahí uma só casa.

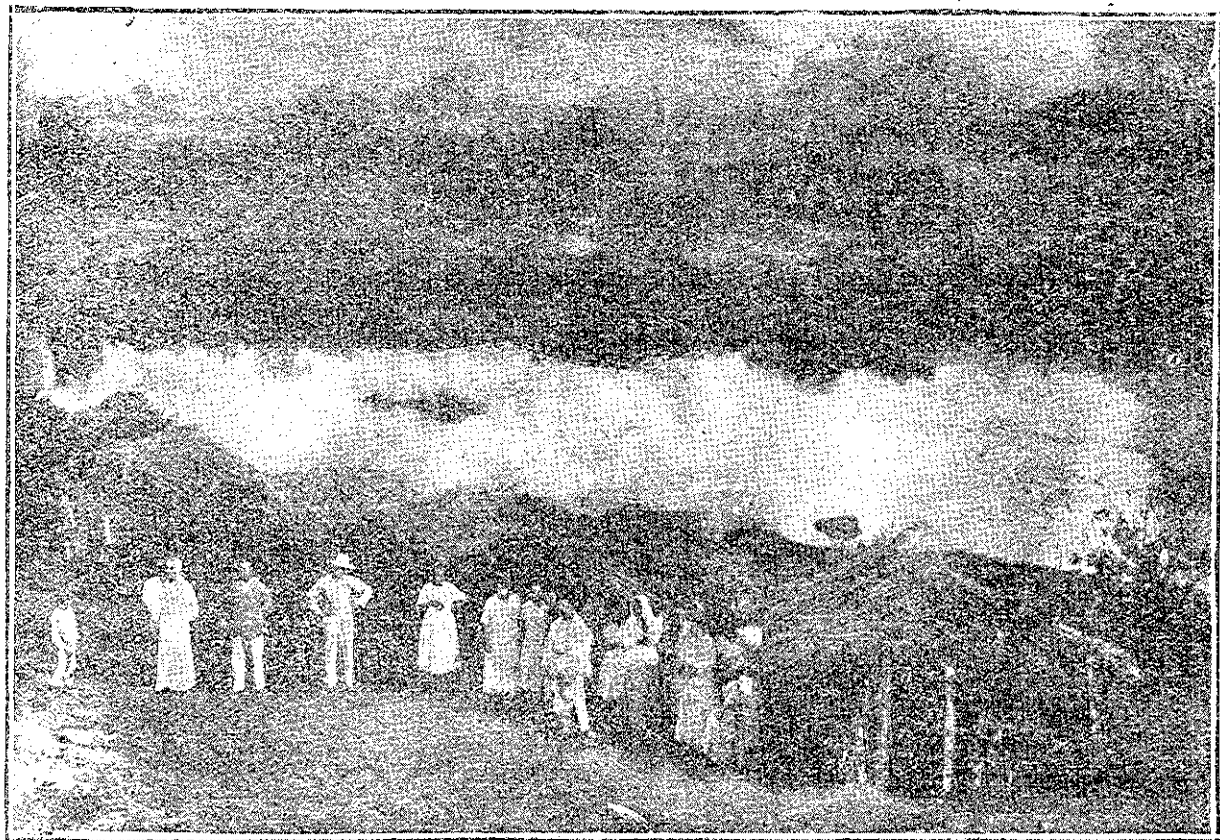
A caatinga que nos acompanha desde Mocambo, ahí se aggrava em seu «aspecto desolador».

De Mocambo a Soure, ella é menos selvagem: quixabeiras copadas desenvolvem-se em profusão á beira da estrada, aggreindo com seus espinhos o viajante incauto, numa frequencia insolita e irritante; os joazeiros, mais complacentes, e sempre viçosos, mantêm-se na defensiva com os seus espinhos menos numerosos; os mandacaráus, magestosos no porte, quebram a monotonia da paisagem, superabundam em certos pontos e se distribuem de modo irregular; os chiques-chiques, divididos em ramos inçados de espinhos, contorcendo-se graciosos, disputam-lhes a prioridade numerica; as macambiras mais modestas alli tem seus representantes mais legitimos. Os cabeças de frade virentes e com sua classica flôr intensamente vermelha, destacam-se do verde esmaecido da «flora resequida».

É de notar que todos estes vegetaes são espinhosos. Torturados continuamente pelos raios causticantes do sol e pelo meio ingrato que os cerca, nascem e crescem já promptos para a lucta; encaram a vida pelo lado mais tragico, como se fossem eternamente perseguidos. É que a natureza se nos mostra simplesmente coherente: ella só permite ahí floresçam os vegetaes mais resistentes, treinados no regimen brutal das seccas, capazes de se affeioarem instinctivamente a todas as vicissitudes, reagindo a seu modo, para atravessarem os dias mais angustiosos do verão.

Ao lado desses vegetaes enraivecidos, agitam-se mansamente o velame formando o grosso da caatinga, os cajueiros e os umbuzeiros.

(*Continúa*).



CIPÓ—CHOÇAS PROVISÓRIAS PARA ABRIGO DOS BANHEIROS

A CONSANGUINIDADE E O CODIGO CIVIL BRASILEIRO

PELO

Dr. Gonçalo Moniz

professor cathedraticeo na Faculdade de Medicina da Bahia

V

A consanguinidade nos animaes

(Continuação)

Factos diversos observados na reproducção dos animaes em consanguinidade têm sido aproveitados, já pelos consanguinistas, já pelos anticonsanguinistas, como argumentos a favor da respectiva doutrina.

Assignalam os primeiros,—para mostrar que nenhum inconveniente existe para a geração e a prole no simples facto da communitade de estirpe entre os reproductores, — que as raças celebres dos nossos animaes domesticos — cavallo, bois, carneiros, porcos, cães, aves, etc., foram creadas e aperfeçoadas pelos mais notaveis zootechnistas mediante a selecção consanguinea, levada muitas vezes ao extremo, isto é, consistindo em castigamentos ultra-consanguineos, incestuosos no mais alto grau, e repetidos, em grande numero de gerações successivas, entre individuos com parentesco excessivamente accumulado.

Para não dar demasiada extensão a este trabalho, já bastante longo, deixaremos de aqui lembrar os admiraveis resultados, aliás bem conhecidos, alcançados com o emprego desse methodo pelos insignes criadores BAKEWELL, os irmãos COLLING, THOMAS BATES, B. TOMKINS, J. HAMMOND, e muitos outros, indicando, porém, entre varias outras publicações sobre o assumpto, a excellenté memoria de REUL (102), na qual se encon-

tram satisfactorias informações a respeito. Relativamente a observações e experiencias de multiplicação consanguinea de animaes, em longa serie de gerações, sem detrimento algum, citaremos a interessante obra de LA PIERRE DE ROO (22) onde, além das experiencias pessoais realizadas por espaço de 20 annos, especialmente sobre aves (gallinhas, pavões, faisões, pombos, etc.), são relatadas muitas outras feitas por diversos criadores e colligidas grande copia de observações expressivas concernentes ao objecto em questão.

Os numerosos factos a que acabamos de alludir provam exuberantemente que, em zootechnia, assim como na existencia natural de muitos animaes (do que darei alguns exemplos), a consanguinidade dos reproductores não é perniciosa á geração e á prole. Evidenciam, ao contrario, que os animaes domesticos em boas condigões organo-physiologicas, hygienicas e mesologicas, podem multiplicar-se indefinidamente, na mais estreita homoeomogamia, sem prejuizo de ordem alguma, e muitas vezes com vantagem, como o prova a formação das mais finas e aperfeiçoadas raças de animaes domesticos.

Não se conclue, porém, dali que seja a consanguinidade uma potencia bemfazeja, um portentoso factor eugenesico: tão grande erro fôra isso quanto o commetido pelos que personificam a mesma consanguinidade num como que formidavel genio do mal, capaz de produzir todos os damnos e desastres de que temos falado.

A interpretação exacta dos factos observados na reproducção dos animaes vem ainda mostrar que tudo quanto, de mau ou de bom, pode resultar da circumstancia de ser consanguineos os procreadores, é effeito da herança, que tão pouco é uma força creadora ou factor etiologico, sinão que consiste simplesmente no facto da transmissão aos descendentes de caracteres ou dispo-

sições inherentes aos ascendentes, em virtude da continuidade material existente entre uns e outros.

Acasalar animaes consanguineos, em zootechnia, importa em acasalar individuos dotados simultaneamente, em grau mais ou menos elevado, das qualidades que se quer fixar, cultivar e desenvolver. Os criadores empregam para este fim reproductores da mesma familia e em grau de parentesco mais ou menos conchegado, não porque exista qualquer virtude na communitade de sangue, mas porque justamente em proximos parentes mais facilmente encontram, e mais accentuados, os caracteres que procuram transmittir, amplifadamente, á prole. Não é, de facto, a consanguinidade que produz os resultados obtidos: são estes devidos sempre, no caso, á herança por factores convergentes, de effeitos cumulativos e mais seguros do que os da herança uni-lateral. Conseguir-se-ia a mesma cousa que nos castigamentos consanguineos cruzando-se animaes extranhos quanto ao parentesco os quaes se achassem nas mesmas condições no tocante á posse commum dos caracteres a desenvolver e aperfeiçoar. Mas esta hypothese raro se verifica, e por isso na formação de todas as raças selectas de animaes domesticos ha sido empregada a homoemogamia.

E assim como excellentes serão os productos de dois genitores ornados dos melhores predicados, assim deploraveis hão de ser quando forem ambos elles defeituosos, sejam ou não consanguineos em um e outro caso.

O que se não pôde admittir é que seja a consanguinidade uma força antagonica aos factores hereditarios e capaz de fazer nascer de pais magnificamente conformados, fortes, sadios, possuidores de preciosos attributos, filhos em condições oppostas, — fracos, doentes, degenerados e disformes. Si tal facto occorrer alguma vez com

relação aos fructos de casaes consanguineos, é que terá havido intervenção de causas proprias a produzir taes effectos, independentemente da consanguinidade e as mesmas que acarretarão identicas consequencias tratando-se de casaes não consanguineos. Tão illusorio, por conseguinte, é acreditar nos maleficios como nos beneficos da consanguinidade.

Os anticonsanguinistas impugnam, todavia, por diversos modos os argumentos que os seus adversarios tiram, a favor da doutrina que sustentam, dos factos observados no terreno da zoologia e da zootecnia.

Em primeiro logar, dizem aquelles, o que se tem obtido nos animaes domesticos, pela selecção consanguinea, são typos anomaes, desequilibrados, desharmonicos ou deformados, que se não podem propriamente considerar como seres melhorados ou aperfeigoados, e evidentemente typos semelhantes seriam de todo indesejaveis na especie humana. «Essas bellas raças inglezas, diz J. GOURDON (103), o boi Durham, o carneiro Dishley, o porco Newleicester, para só citar as mais celebres, verdadeiras obras primas da industria humana, que fazem a admiração do mundo inteiro e a fortuna dos seus proprietarios, são, em definitiva, *verdadeiras monstruosidades, constituídas contrariamente a todas as leis da hygiene, na accepção rigorosa do termo. Que se vê, com effecto, nesses animaes? Formas naturaes destruidas, desenvolvimento despropositado do systema adiposo, rapidez de crescimento que approxima o termo da vida, menor fecundidade, predisposição maior ás affecções cacheticas, etc.* Ora, si taes são os productos da consanguinidade, nenhuma conclusão se pode dahi tirar contra a influencia pernicioza attribuida a esse modo de reproduzir». (103, p. 464).

Falando do mesmo assumpto, tambem diz MITCHELL que, «quanto mais se estuda a historia dos bois *Short-*

horn e dos carneiros *Leicester*, mais se adquire a convicção de que o que ha em taes productos são *aperfeiçoamentos de imperfeições*», e de que, pelo systema de criação que temos em vista, «podemos certamente chegar a crear um typo artificial, a *fixar* uma particularidade saliente, mas nada prova que possamos assim melhorar as raças». (29, p. 266).

As mesmas considerações têm sido repetidas por varios outros autores que se têm occupado com a materia. Nada, entretanto, mais improcedente e desarrazoado do que apresental-as como argumentos demonstrativos da acção dysgenesica da consanguinidade. Os factos em questão, qualquer que seja a forma por que se apreciem, nada provam a favor ou contra qualquer influencia benefica ou malefica da procreação por meio de reproductores consanguineos: o que demonstram eloquentemente é o prodigioso poder da selecção artificial, sabia e intencionalmente praticada.

Ora, o que fazem, na realidade, os zootechnistas mediante o emprego de reproductores escolhidos na mesma familia, é fixar e desenvolver as formas, as faculdades ou aptidões que justamente querem obter na raça cultivada. Dizer, pois, que as particularidades criadas nos animaes domesticos pela selecção artificial homoemogamica constituem exemplos dos maleficios da consanguinidade, porque taes particularidades são muitas vezes desvantajosas aos proprios animaes, é, nem mais nem menos, do que tomar a nuvem por Juno. As raças domesticas selectas são, em verdade, raças aperfeiçoadas precisamente no sentido em que propositadamente foi orientado o aperfeiçoamento pelo criador, e como, em tal caso, o que este tem em vista é o proveito ou a utilidade, e por vezes o simples recreio ou deleite para o homem, pode a apuração ou refinamento reali-

zado ser, ora indifferente, ora mesmo incommodo ou inconveniente para o animal.

Aliás, nem sempre assim acontece e para certas raças melhoradas pela zootechnia, as respectivas qualidades não são desvantajosas ao animal, sendo até proveitosas tambem a este em muitos casos. «Ha sem duvida, muitas, raças, diz HENRY DE VARIGNY (104), que os criadores e horticultores formaram mais para o homem do que para ellas mesmas. A creação de uma raça de porcos mais facilmente engordavel é util ao homem : isso não constitue melhoramento do porco em relação á natureza. Uma raça de porcos que adquire mais depressa a gordura não prosperaria melhor no estado natural : ao contrario. Raças de cavallos mais ageis ou mais vigorosos, porém, são realmente melhorados, não só para elles mesmos, sinão tambem para o homem. Uma raça de trigo que produz mais gluten não é, sem duvida, melhorada sinão para o homem; a que tem, porém, maior precocidade, mais vigor e fecundidade, é melhorada igualmente para si propria».

O engano dos que vêem prejuizos da consanguinidade nos caracteres artificialmente produzidos nos animaes pelos zootechnistas ou thremmatologistas, com o emprego do *breeding in and in*, caracteres que em vez de uteis, detrimentosos lhes seriam na lucta pela vida nas condições naturaes, esse engano, dizemos, reside em não distinguirem, quanto aos seus fins, a selecção artificial da selecção natural. «Um dos caracteres mais notaveis em nossas raças domesticas, escreve DARWIN (105), é que vemos nellas adaptações que em nada contribuem para o bem estar do animal ou da planta, mas simplesmente para a vantagem ou o capricho do homem. O poder de selecção, de accumulacão, que possui o homem, é a chave deste problema (formaçãõ das raças

de animaes domesticos e das variedade de plantas cultivadas); a natureza fornece as variações successivas; o homem accumula-as em certas direcções que lhe são uteis. Nesse sentido, póde dizer-se que o homem crêa em seu proveito raças uteis». (p. 30). Diverso é o resultado a que conduz a selecção natural, como igualmente muito bem assignala o genial naturalista: «A selecção natural não actúa sinão para a conservação e accumulacão de modificações hereditarias que são proveitosas ao individuo conservado». (Id. p. 103).

A prova de que se não deve responsabilizar a consanguinidade pelas modificações anatomicas e physiologicas inconvenientes aos individuos produzidas nos animaes domesticos pela selecção zootechnica com o emprego de reproductores proximos parentes, está ainda no facto de que, quando os animaes se multiplicam em consanguinidade na vida selvagem, outros são os resultados. Na criação domestica, como vimos, o zootechnista faz, de proposito, a selecção das aptidões dos animaes a fornecer productos ou valores uteis ou agradaveis para o homem (carne, gordura, leite, ovos, lan, força motriz, caracteres ornamentaes, etc.). São as *funções economicas* dos animaes que assim se cultivam, ficando em plano secundario o seu proprio interesse. Na existencia selvagem, ao contrario, é a selecção natural e sexual que intervém, e então só são conservados e apurados os attributos propicios aos individuos, os que, nas condições em que se acham, lhes dão qualquer superioridade na lucta pela vida e pela posse das femeas. Esses triumphadores são, portanto, os que principalmente procream, transmittindo á descendencia as suas primazias e, *ipso facto*, vai sendo progressivamente eliminado, nas gerações futuras, tudo que fôr desvantajoso á especie. É o que justamente tambem acontece com os

animaes domesticos que voltam á vida agreste entregues a si mesmos, e nestas condições naturaes não são raros os castiçamentos consanguineos. «Na natureza, diz o conde de Lagondie, as uniões dentro da mesma familia são mui frequentes entre os animaes que vivem em rebanhos. Neste caso, o macho mais forte guarda para si suas filhas e netas, até que rivaes mais jovens e mais vigorosos lhe venham tomar o harem». (Cit. por BRASSART, 21, p. 74). É o que, por exemplos, occorre entre os cavallos selvagens, como muito bem descreve BREHM; no gado bovino semi-selvagem conservado nos grandes parques da Inglaterra ha muitos seculos; entre os rebanhos de bois que, de tempo immemorial, vivem em liberdade nas pastagens do Auvergne e da Bretanha, etc., e todos assim prosperam, sadios e vigorosos.

«A adelphogamia, diz VOTELLIER (106), é a regra entre todas as aves monogamas que vivem no estado natural. O pombo bravo, a rola, a perdiz, são exemplos typicos. Não parece que a consanguinidade tenha influencia nefasta sobre essas especies. O mesmo se dá com o pombo domestico, de cujos dois ovos nascem o mais das vezes um macho e uma femea, que se casam geralmente entre si». (p. 62).

Outros exemplos congeneres, igualmente interessantes, nos são ministrados pela multiplicação fecunda e pujante, em acasalamentos estreitamente homoemicos, de animaes domesticos abandonados pelos navegadores dos seculos passados nas novas terras por elles descobertas.

Commentando os factos a que acabamos de alludir, LA PERRE DE RÓO tira dos mesmos as seguintes conclusões: «Si a influencia da consanguinidade no homem e nos animaes fosse perniciosa, como se pretende, parece-me incontestavel que o casal de bois abandonado

por Van Couver em Hawai, em 1792, em vez de povoar essa ilha com a sua descendencia, teria dado nascimento a productos que, forçados a perpetuar-se por si mesmos, se teriam promptamente extinguido na debilidade, na degeneração, e na esterilidade. Ora, desde que assim não aconteceu; desde que a raça, ao contrario, se perpetuou por si mesma durante tres quartos de seculo e se manteve sa, forte e cheia de vitalidade, a despeito das allianças consanguineas repetidas que necessariamente houve de contrahir, é evidente que os adversarios da consanguinidade estão no erro. (p. 122)... Resulta claramente dessas narrações que em nenhuma parte a consanguinidade exerceu influencia nefasta sobre animaes abandonados a si mesmos a collocados em condições hygienicas e climaticas que não eram desfavoraveis ao seu desenvolvimento, nem á conservação das suas qualidades prolificas. Vemol-os, ao contrario, pullular por toda parte nas ilhas não habitadas pelo homem, e, para qualquer lado que volvamos o nosso olhar em logar de esterilidade e de degeneração, é a mais prodigiosa fecundidade que notamos sob as fórmas mais vigorosas e mais energicas». (p. 137).

Em summa, apresentam os animaes domesticos os caracteres que os distinguem, uteis, indifferentes ou desvantajosos a si mesmos, porque foram justamente taes caracteres que os criadores das respectivas raças se applicaram a formar. Si em vez do interesse do homem, fosse ao interesse dos animaes que tivesse por escopo attender, pelo mesmo processo da selecção artificial consanguinea poderia o zotechnista produzir raças compostas de individuos differentemente conformados e dotados dos predicados mais preciosos a si mesmos, como o faz a selecção natural.

Criticando os productos da selecção artificial por

uniões de reproductores da mesma familia, ponderam ainda os anticonsanguinistas que não podem ser aquelles considerados como seres verdadeiramente aprimorados, porquanto, si apresentam tal ou tal capacidade elevada ao requinte, mostram-se inferiores, em outros sentidos, a typos outros da mesma especie. Faz notar, por exemplo, Boudin que «o animal facticio chamado cavallo inglez, fabricado exclusivamente para fins desportivos», não pode resistir ao primeiro choque das fadigas e privações da campanha da Criméa, ao passo que o cavallo francez, «menos bello segundo o preconceito, porém mais vigoroso», resistia muito mais. E considerações analogas podem fazer-se não só em relação a outras raças da mesma especie como a outras espécies domesticas.

O facto, porém, de que, satisfazendo plenamente os fins para que foram expressamente creados, são esses typos zootechnicos incapazes de bem desempenhar outras funções e bem servir a outros misteres, é consequencia necessaria das proprias leis que regem a organização, evolução e variações dos seres vivos. Empregando-se, para a realização dos especimens animaes de que se trata, o methodo zootechnico da *especialização*, por meio do qual se eleva ao mais alto grau possivel de apuração e refinamento determinada particularidade morphologica, este ou aquelle aparelho ou systema anatomico, e, consequentemente, as respectivas funções, — não é possivel, em virtude da conhecida lei do balanceamento dos orgams, chegar a tal resultado sem o detrimento, sem a redução correlativa, de outras partes do organismo. É, de facto, inexequivel amplificar ao mesmo tempo e parallelamente no mesmo individuo todas as qualidades e aptidões ou mesmo grande numero destas

até o extremo alcançado separadamente para cada uma dellas nas raças especializadas.

Os animaes domesticos apurados ao maximo para este ou aquelle destino, hão de tornar-se, portanto, necessariamente inferiores a outros respeitos: o gado bovino mais aperfeiçoado para o corte perderá *ipso facto*, em grande parte, a capacidade para o trabalho — tracção, carga, etc. em consequencia das proprias modificações da sua constituição anatomica adrede produzida para aquelle fim (pela thremmatologia; o cavallo de corrida, em que foram requintadas todas as condições favoráveis á *summa* velocidade, não poderá executar o mesmo labor que o pesado cavallo tiro ou de carga, mas inversamente, o mais robusto *percheron* ou belga será immediatamente batido na carreira por qualquer mediocre puro sangue inglez; pelos mesmos motivos seria impossivel crear um typo de cão que possuisse, no mesmo grau, todas as aptidões e habilidades admiraveis que se encontram separadamente no perdigueiro, no galgo, no Terra Nova, no S. Bernardo, no cão de pastor, no rateiro, no policial, nos cães de guerra, etc. e assim por diante.

A impossibilidade de realizar-se typos de animaes domesticos igualmente aptos a misteres diversos está em que muitas vezes a constituição morphologica apropriada ao mais perfeito desempenho de determinada função é antagonica á que melhor convém á execução da função opposta, sendo, pois, inconciliaveis no mesmo individuo.

As raças especializadas de animaes domesticos não representam, pois, inconvenientes da selecção consanguinea, como avançaram alguns autores: são, na realidade, como temos dito, obras intencionaes da zootechnia, obedecendo esta, porém, ás leis biologicas que presidem á organização animal.

Têm-se conseguido, todavia, formar raças dotadas de duas ou mais aptidões, mais ou menos accentuadas, como por exemplos: raça bovina com alta capacidade lactogenica e ao mesmo tempo com regulares requisitos para o corte ou para o trabalho motor (raça normanda, raças suissas, etc.); carneiros aperfeiçoados para produzir simultaneamente lan e carne, em grande quantidade e boa qualidade (raça dishley-merinó); gallinhas muito poedeiras e tambem de carne fina e abundante (Orpington, Wyandotte, Bresse, etc., etc.).

Em todo caso, releva notar que essas raças mixtas, boas para tudo ou ao menos para diversos fins, não podem possuir, como não possuem, qualquer das suas qualidades tão exaltada quanto se mostra nas raças nimamente especializadas numa só das mesmas qualidades.

Têm ainda objectado os anticonsanguinistas que os resultados verificados nas de mais especies zoologicas não se applicam ao homem e não podem, portanto, ser invocados como argumentos a favor da innocuidade das allianças humanas entre parentes.

Não têm, porém, razão os que assim pensam. Quaesquer que sejam as differenças de character secundario e accessorio que se notem entre o homem e os outros animaes, assim como entre estes considerados entre si, não se deve dahi concluir que as leis biologicas fundamentaes não são communs a todos os seres vivos, que, nomeadamente, os phenomenos da nutrição, da geração, do desenvolvimento ontogenetico, da herança... não obedecam, no homem, ao mesmo determinismo, aos mesmos principios, a que estão sujeitos nos outros animaes, e não sejam nestes e naquelles igualmente influenciados por identicas condições.

Falando da selecção na especie humana, escreve

CARLOS RICHEL (107): «Diz-nos o simples bom senso que o homem não pôde escapar a lei commum a todos os seres vivos. O homem não constitue uma excepção na Natureza. Entre o homem e o animal todos os orgãos são similares. O sangue é o mesmo; funciona o coração da mesma maneira; mesma temperatura; mesmas funcções respiratorias; a transmissão nervosa se faz do mesmo modo, e ha no cerebro as mesmas regiões motoras e as mesmas regiões sensiveis. Suppor que o homem porque é intelligente, não está submettido ás leis de herança, é como se si pretendesse que não ha herança para o elephante porque tem uma trompa, ou para a girafa porque tem o pescoço comprido». (p. 27).

A. DE QUATREFAGES (108), apesar de ser um dos ultimos a sustentar a autonomia do *reino humano*, a que dava, porém, por unicos fundamentos a *moralidade* e a *religiosidade* (opinião esta aliás muito contestavel e contestada) escreveu: «O que for reconhecido verdadeiro para os outros seres organizados não pôde deixar de ser verdadeiro para o homem... Qualquer solução que faça ou tenda a fazer do homem uma excepção, a representalo como escapando ás leis que regem os seres organizados e vivos, é má e falsa». (p. 116).

Ora, qualquer que fosse o mecanismo por meio do qual pudesse a consaguinidade exercer influencia sobre a procreação e os productos desta, só poderia ser agindo sobre as condições determinantes dos referidos phenomenos vitaes, que, pelo menos no homem e nos animaes que lhe são mais proximos organica e physiologicamente, são regulados pelas mesmas leis geraes, e, assim, não podemos deixar de logicamente induzir que os resultados observados no estudo da reproducção consanguinea nesses animaes são applicaveis ao homem. Tratando justamente da consaguinidade, sentenceou

DARWIN (109): «Estamos certo de que a conclusão, qualquer que possa ser, a que nos conduzir o estudo dos animaes superiores, será applicavel ao homem». (2.º vol. p. 132).

E si, como demonstrem todos os factos que temos assinalado, as uniões consanguineas só podem influir sobre a prole mediante a transmissão hereditaria de caracteres preexistentes nos genitores, firma-se então ainda mais a impossibilidade de separar, no caso, o homem dos de mais animaes.

Creemos não haver biologista que sustente existir leis de herança especiaes para cada classe de animaes: ao contrario, como é bem sabido, os scientistas que mais particularmente se hão occupado com o assumpto tornam até extensivos ao homem os factos e as leis da herança que se têm verificado no reino vegetal.

Sobre o ponto em apreciação disso muito bem MOREL: «Entre as causas geraes que provam do modo mais peremptorio a solidariedade que existe entre todos os seres do reino animal, nenhuma existe cuja influencia seja tão poderosa e, posso dizer, tão palpavel, quanto a da herança». (32, p. 60).

E em outro capitulo da mesma obra, tratando das condições de regeneração das especies vegetaes e animaes, escreve o eminente psychiatra: «Levamos na devida consideração a differença que existe entre o homem e os animaes: mas ninguem negará que o homem seja igualmente submettido ás influencias que actuam conforme certas leis determinadas sobre as funcções physiologicas dos animaes, e sobre as condições de transmissão hereditaria no que diz respeito aos habitos, ao character, aos instinctos, e, ousarei até accrescentar, á conformação physica *exterior* e *interior*». (p. 506).

«GALTON foi o primeiro a mostrar, diz LOCK (139),

que as leis da variação e da herança no homem são inteiramente similares ás mesmas leis nos outros organismos». (287).

Não ha negar a veracidade e justeza das considerações que acabamos de referir, das quas se conclue que os phenomenos da reproducção consanguinea não podem ser na especie humana differentes do que são nas outras especies animaes. Os factos observados, nesse particular, nos mamiferos, nas aves, etc., podem, pois, servir perfeitamente de indice do que, de facto, se passa na especie humana.

Verdade é que, dentre as varias especies ou raças de animaes, hão dito certos observadores haver notado que algumas apresentam mais facilmente do que outras, quando sujeitas á intensiva e continuada multiplicação consanguinea, phenomenos de decadencia ou degeneração. Mas isso se explica pela maior ou menor resistencia das especies ou raças consideradas ás condições desfavoráveis de existencia em que são postas—meio confinado, regimen alimentar insufficiente ou improprio, etc.; pelos estados morbidos transmissiveis por herança a que são mais ou menos susceptiveis, circumstancias essas que as uniões entre parentes apenas aggravam na descendencia, pelo mecanismo a que tantas vezes já nos temos referido. Para as raças mais dispostas a definhar ou adoecer nas alludidas condições os acasalamentos entre individuos da mesma familia darão certamente maus resultados, pois que se realiza no caso a consanguinidade morbida.

Aventaram ainda que se não póde estabelecer paridade entre o que acontece nos animaes e no homem em vista da importancia que têm no ultimo os phenomenos psychicos. Não conseguimos, porém, atinar com a razão ou o alcance de semelhante objecção. Em primeiro logar

cremos que não ha mais quem desconheça nos animaes a existencia das mesmas faculdades mentaes—sensibilidade affectiva, intelligencia, com as suas varias operações (attenção, precepção, memoria, etc.), vontade,—de que o homem é dotado. Ha apenas, nessas faculdades, entre o homem e os outros animaes, differença de grau e não de natureza. Mas *quid inde*, no tocante ao nosso assumpto? Porventura essa evidente supremacia intellectual do homem, por maior que seja, fará com que os phenomenos da geração, da evolução, da herança, etc., sejam nelle regidos por leis especiaes, diversas das que vigoram, nesse particular, nas outras classes de animaes? Contra semelhaute illação falam de modo irrefragavel todas as noções inconcussamente adquiridas na materia.

(*Continúa*).

KOLA PHOSPHATADA WERNECK, com extracto de noz de kola, cafeina, glycero-phosphatos de calcio e de magnesio. Indicada como tonico nos casos de esgotamento nervoso.

BOLETIM

DA

Sociedade Medica dos Hospitaes da Bahia

Sessão de 13 de Maio de 1923, 3.^a deste anno e 138.^a da fundação

PRESIDENTE — Dr. Aristides Novis

1.º SECRETARIO — Dr. Octavio Torres

2.º SECRETARIO — Dr. Alvaro Bahia.

Presença: Drs. Aristides Novis, Octavio Torres, Alvaro Bahia, Clementino Fraga, Mario Andrea, Dario Peixoto, Maximiliano Machado, Leal Ferreira, João Fróes, Flaviano Silva, Portella Lima, Barbosa de Araujo, Armando Tavares, Edgard Boaventura, Daniel Figueiredo, Ramiro Berbert, Gilberto David, Garcia Rosa, Alvaro de Carvalho, Cesar Araujo, Heitor Fróes, Gustavo dos Santos Filho, Fernando Luz, Osvaldo Cerqueira, João Tavares, Virgilio de Carvalho Filho e Canna Brasil.

Expediente: — O Snr. Presidente declara não ter havido sessão no domingo anterior porque n'esse dia a classe medica bahiana prestára homenagens ao Snr. Dr. Carlos Chagas que, de viagem para a Europa, passava por esta cidade.

Ordem do dia: — 429 — 5 — Dr. MAXIMILIANO MACHADO:
— *Sobre um caso de botulismo.*

Esta comunicação irá transcripta n'outro lugar.

**O VINHO LEONI é o vinho RECONSTITUINTE
com lacto-phosphato de cal, quina e carne do Laboratorio
WERNECK.**

Sessão do dia 27 de Maio de 1923, 4.^a deste anno e 139.^a da fundação

PRESIDENTE — Dr. Martagão Gesteira

1.^o SECRETARIO — Dr. Alvaro Bahia

2.^o SECRETARIO — Dr. Enéas Costa.

Presença: Drs. Gesteira, Tavares, Bahia, Enéas, Affonso Carvalho, Durval Gama, H. Fróes, Octavio Torres, Edgard Boaventura, Leal Ferreira, Aristides Novis, Clementino Fraga, Berbert de Castro, Eduardo Visco, Gastão Florencio, F. Luz, Portella Lima, Daniel Figueiredo, Carlos Levindo, Galdino Ramos, Cezar Araujo, Canna Brasil, Adeodato de Souza, João Fróes, João Martins, Agenor Bomfim, Gustavo dos Santos Filho, Pedreira de Cerqueira, Belfort Lopes, Maximiliano Machado, Barbosa de Araujo, Tillemont Fontes, Santos Pereira, Aristides Maltez, Antonio Borja e Garcia Rosa.

Expediente: — Constou de um officio da Directoria da Escola Polytechnica agradecendo á esta Sociedade a comunicação da mesa dirigente para o anno de 1923 e de uma carta do Dr. Helio Ribeiro, 2.^o Secretario d'esta Sociedade, solicitando em termos irrecusaveis a sua exoneração, no que foi attendido. O Snr. Presidente procede então á nova eleição para o cargo vago racahindo a escolha no Dr. Enéas Costa por 11 votos, que estando presente foi logo empossado. Obtiveram votos tambem os Drs. Berbert de Castro 1, Sampaio Tavares 2.

Antes de passar-se á ordem do dia o Dr. Sampaio Tavares pede a palavra para apresentar um doente, justificando o seu pedido, mesmo sem estar inscripto por motivo de proxima retirada do doente para o interior. Diz o Dr. Tavares que o seu caso tem duplo valor; — 1.^o, por questão de

A KOLA PHOSPHATADA WERNECK esculpulosamente fabricada, tem o seu credito firmado ha mais de 30 annos.

numero; 2.º, por ser o doente portador de lezões que se poderiam imputar á syphile, até porque n'elle ha conceitancia d'esta doença com a esporotrichose de que é portador. Diz ser pequeno o numero dos casos curados entre nós onde só tem conhecimento dos casos citados pelo Prof. Octavio Torres no seu trabalho sobre o assumpto e mais um que lhe foi referido pelo Dr. Vianna Junior. Pede aos consocios presentes que tragam ao conhecimento da Sociedade todos os casos com que forem deparando em suas clinicas. Quanto á segunda parte, a que diz respeito á importancia clinica do caso, diz ter o doente soffrido um traumatismo com esfoladura da perna, que se tornou em ferida, o que levou o paciente a submeter-se a tratamento topico na Sala do Banco do Hospital Santa Izabel, sem resultado algum.

Certo tempo depois, sem que o doente saiba explicar, a lezão cicatrizou espontaneamente. Tempos depois começou a notar a formação de pequenos nodulos na vizinhança da antiga lezão, nodulos estes que *queimavam*, na expressão do paciente.

Examinando-o attentamente o Dr. Tavares notou não só os nodulos assignalados, mas alguns outros em franca fluctuação e um mais alto, no joelho, ligado aos outros por um cordão lymphático, um *vergão*, na expressão popular. Encarregou o Prof. Octavio Torres de fazer o exame mycológico sendo a primeira cultura, em meio de Sabouraud, negativa. Retirado novo material e tentada nova cultura, foi positiva. Assignala a possibilidade da confusão com a syphile, por se tratar de uma manifestação gommosa da esporotrichose. O doente foi tratado pelo iodureto de potassio.

O VINHO RECONSTITUINTE LEONI do Laboratorio WERNECK recommenda-se pelo escrupulo de sua fabricação. É um preparado de absoluta confiança.

Em discussão, o Prof. F. Luz pede a palavra para dizer haver o Dr. Tavares se esquecido de citar o primeiro caso na Bahia, ocorrido na clinica do Prof. Pacheco Mendes e tratado pelo Dr. F. Luz. Replicou o Dr. Tavares, dizendo estar esse caso incluído nos já citados no trabalho do Prof. Octavio Torres. Fala o Prof. O. Torres enaltecendo a comunicação do Dr. Tavares. Ninguem mais desejando se manifestar sobre o assumpto o Dr. Presidente dá por encerrada a discussão.

É dada a palavra, em seguida, ao Prof. J. Adeodato de Souza para se referir a *um caso clinico*. Diz este professor que na sua recente estadia em Pernambuco foi chamado a examinar uma senhora portadora de um tumor abdominal que havia sido diagnosticado pelo seu medico assistente como um cysto do para-ovario. Examinando-a, o Prof. J. Adeodato não discordou, mas tambem não concordou com o diagnostico do collega nortista e fez o diagnostico provavel de cysto do ovario do para-ovario ou meso-cœcum, affirmativa que mais verdadeira lhe parecia, sem, entretanto, poder firmar este ultimo diagnostico por lhe faltarem symptomas de valor para a differenciação. Era de notar que, com este tumor já evoluendo, á doente engravidasse e tivesse um parto natural, seguido de um puerperio sem complicações. Resolvida a operação interveio o Prof. Adeodato. Aberta a parede abdominal appareceu um tumor de superficie lisa e brilhante, semelhando um cysto hydatico que o operador já teve occasião de ver uma vez, tumor que cahiu para a parte mais declive do campo operatorio. Suspenso por seu ajudante poude o operador constatar que se tratava do um cysto do meso-cœcum, desenvolvido entre os dois folhetos

VINHO IODO PHOSPHATADO WERNECK: com Iodo e phosphoro em combinação organica. Indicado no lymphatismo, anemia, escrophulose, neurasthenia, etc.

peritoneaes. Pinçado o cysto este rompeu-se, deixando escapar o liquido.

A medida que este se escoava o operador desfazia as adherencias do sacco do cysto de outro sacco formado pelos folhetos peritoneaes, procedendo assim a uma verdadeira enucleação. Como o appendice era tortuoso e se juxtapunha ao cysto, temendo que este viesse a contrahir adherencias com a superficie de peritonisação, resolveu o operador proceder a uma appendicectomia.

Descorrendo sobre o diagnostico dos cystos do meso-cæcum, disse não existir nessa doente nem a zona de sonoridade na parte anterior do tumor, devido á interposição do intestino entre este e a parede abdominal, nem a dor que todos os autores assignalam, accusando apenas a doente uma ligeira sensação de repuxamento. Diz mais que, a despeito de serem accordes todos os autores por elle consultados em declarar de grande gravidade a referida affecção, podendo até levar o portador á cachexia, isso se não dera absolutamente com a sua doente que estava em muito bom estado geral. O prof. Fernando Luz, discutindo, diz ter tido um caso (de resto já citado pelo Prof. Adeodato) operado com o Prof. Borja, em que constatou tambem não haver essa extrema gravidade e que a sua doente engravidou e pariu 4 vezes durante a evolução do tumor, sem nenhuma perturbação para a gestação, parto e puerperio. A sua doente tambem teve varios diagnosticos, como sejam cysto do ovario, para-ovario e hydronephrose. Ninguem querendo mais discutir a observação do Prof. Adeodato, o Snr. Presidente encerrou a discussão e deu a palavra ao Dr. Heitor Fróes.

Este, antes de iniciar a sua communicação, accedendo

ALUETINA WERNECK tem como base o cyaneto de mercurio, que dentre os saes mercuriaes é o mais rico e portanto o mais activo.

a suggestão do Prof. Fernando Luz, disse que, como a sua comunicação se compunha de duas partes, uma hygienica e outra clinica, limitava-se a esta ultima, deixando a 1.^a parte para ser apresentada á Sociedade de Medicina, por serem assumptos referentes á questões de hygiene e nella melhor se enquadram. Refere-se então á uma nova formula para a verificação do coefficiente de robustez, por elle organizada.

Depois de demonstrar a utilidade de se possuir uma boa formula para a verificação relativa da constituição organica dos individuos, mostrando o serviço que o coefficiente de Pignet prestou ás autoridades militares na selecção das tropas combatentes, na ultima guerra européa, passa a fazer a critica do reterido coefficiente, cuja formula é a seguinte:

$$C = E - (Th + P)$$

em que *C* representa o coefficiente de robustez, *E* a estatura em centímetros, *Th* o perimetro thoracico medio medido á altura dos mamillos e *P* o peso. Diz que essa formula, incontestavelmente boa para os individuos de constituição mediana, torna-se falha em certas condições, especialmente em relação a individuos obesos. Mostra que isso acontece, porque, sendo levados em conta 3 factores — peso, perimetro thoracico e altura, — um obeso levará consideravel vantagem pelo peso, a ponto de ter um coefficiente igual ou mesmo superior ao de um individuo de constituição athletica. Para demonstrar praticamente o que acaba de dizer, vae ao quadro negro onde figura os exemplos seguintes: «Supponhamos 3 individuos A—B—C—dos quaes o primeiro é obeso, o segundo de boa constituição e o terceiro um verdadeiro athleta, tendo respectivamente as medidas seguintes:

	A	B	C
Perimetro thoracico.....	90 cm.....	87,5 cm.....	105 cm.
Altura	1 m. 60.....	1 m. 64.....	1 m. 72
Peso.....	100 kilos.....	63 kilos.....	94 kilos

Feitos os calculos obteremos os coefficients seguintes :

Para A.....C= - 30

Para B.....C= 13,5

Para C.....C= - 27

Ahi temos, pois, um obeso e um athleta, ambos com um indice excepcional, sendo, entretanto, mais favoravel o do obeso... Ahi está flagrante a falha do processo; foi essa a razão que o levou a procurar uma outra formula que preenchesse as lacunas da de Pignet que não dá muitas vezes um resultado logico pelos seguintes motivos:

a) sendo o indice o resultado da differença entre a altura e o perimetro thoracico, addicionado ao peso, segue-se que, diminuindo P e augmentando proporcionalmente T a formula não se alterará, o que dá margem á probabilidade de um individuo pesado, de thorax soffrivelmente desenvolvido, ter um indice igual ou superior a outro de bello thorax e peso normal, admittindo-se terem ambos a mesma altura;

b) o perimetro thoracico não basta para exprimir a capacidade respiratoria de um individuo, pois claro está que um thorax emphysematoso poderá alcançar circumferencia superior ao de outro normalmente desenvolvido; resulta dahi a ausencia de um elemento importante que Pignet e outros autores esqueceram-se de introduzir em suas formulas: esse elemento, a seu ver imprescindivel, é a expansão thoracica;

c) em igualdade de estatura e perimetro thoracico, um obeso leva facilmente vantagem pelo peso, de modo a obter um coefficiente favoravel, a despeito de enorme e proeminente abdomen; impõe-se a seu ver, a titulo de correctivo,

HYDRATO DE MAGNESIO WERNECK — Neutralisa os acidos, mesmo quando muito diluidos sem desprender gaz carbonico.

a introdução, na formula, de um novo elemento: « o *perimetro abdominal* ». Feitas essas considerações o communi-
cante apresenta a sua formula que é a seguinte:

$$C = \frac{Pa + A - (Pth + P)}{E}$$

em que Pa representa o perimetro abdominal, A a altura em centimetros, Pth o perimetro thoracico medido á altura do appendice xyphoide (de modo a não abranger as massas musculares dos peitoraes), P o peso e E a expansão. Para mostrar a vantagem da introdução dos novos elementos Pa e E, calcula o indice dos tres individuos A, B e C, cuja constituição já verificára pela formula de Pignet e, admitindo possuir o primeiro Pa=106 e E=4 cm; o 2.º Pa=75,5 e E=7 cm; o 3.º Pa=80 e E=12,5 cm — encontra os seguintes indices: Para A...19 (coeff. soffrivel); para B... 12,7 (coeff. muito bom); para C.. 4,2 (coeff. optimo). O valor dos coefficients é verificado na tabella abaixo que foi organizada de accordo com as experiencias feitas; como, entretanto, ellas não foram bastante numerosas, é possível que se verifique a necessidade de alteral-a em alguns pontos:

TABELLA PARA A VERIFICAÇÃO DO VALOR DOS COEFFICIENTES

C inferior a 3.....	Constituição	excepcional
C entre 3 e 10.....	»	optima
C entre 10,1 e 13.....	»	muito boa
C entre 13,1 e 15.....	»	boa
C entre 15,1 e 18.....	»	regular
C entre 18,1 e 22.....	»	soffrivel
C entre 22,1 e 28.....	»	má
C superior a 28.....	»	pessima

O HYDRATO DE MAGNESIO WERNECK é o mais suave, mais prompto, o mais effcaz e o melhor anti-acido, alcanisante e laxativo conhecido.

O communicante faz algumas considerações em torno da significação da palavra *athleta*, dizendo que o ideal de todo homem que presa seu corpo é tornar-se um *athleta*; fala no predomínio exclusivo da educação intellectual com prejuizo dos outros aspectos da cultura geral, fazendo a apologia da educação completa em que iguaes cuidados são dispensados á educação intellectual — scientifica e artistica — á educação moral e á educação physica. Em seguida o Presidente dá a palavra ao Prof. Novis que passa a elogiar a communicação do Dr. Heitor Fróes, dizendo que a nova formula proposta se prestaria para homens, e que, para o caso do coefficiente feminino, a medida do perimetro thoracico se deveria deslocar antes para a parte mais alta do thorax, obedecendo ao typo da respiração, peculiar do sexo. Termina felicitando tambem o Prof. João Fróes, pae do communicante, presente á sessão. Pede a palavra, em seguida, o Dr. Daniel Figueiredo que faz uma serie de elogios ao Dr. Heitor Fróes e diz que sendo chefe de um grupo que se dedica ás praticas do *foot-ball*, promette experimentar o indice proposto que diz dever chamar-se *indice Heitor Fróes*, a exemplo do que se fez com o de Pignet. Fala em seguida o Prof. Martagão Gesteira, que tece os mais calorosos elogios á communicação do Dr. Heitor Fróes e diz que a sua bella conferencia veio de algum modo modificar a ogeriza que tem pela pratica do *foot-ball* entre nós, principalmente como actualmente se faz, sem attender á idade nem á robustez physica dos candidatos a tão violento esporte. Protesta contra a pratica desse jogo entre creanças e diz serem os pediatras contrarios a esse esporte praticado antes dos 18 annos de idade. ✕

Ninguem mais desejando discutir o assumpto e estando a hora bastanté adeantada, o Dr. Presidente dá por encerrada a sessão, levantando-a, em seguida.

O VINHO IODO PHOSPHATADO sendo um producto do Laboratorio WERNECK deve merecer dos Srs. Clinicos a mais absoluta confiança.

REVISTA DAS REVISTAS

TRATAMENTO DA LEPROSA PELOS PREPARADOS DE COBRE PELOS
DRS. BERNARDINO MOTTA E ALBERTO DEVOTO— (*La
terapia della lepra con i preparati cuprici*) — *La Rassegna
di Clinica, Terapia e Scienze Affini*—Marzo, Aprile 1923.

Os autores fazem referencias ao cyano-cuprol, empregado por Takano e Toga, com o qual não obtiveram resultados satisfactorios e aconselham o uso de dois preparados de cobre: o cuprocyan e a cuproiodase, fabricados no Instituto Nacional Medico-Pharmacologico de Roma.

O cuprocyan que é o cyanureto duplo de cobre e potassio vem acondicionado em ampolas de 5 e 10 c. cubicos e pôde ser usado em injeções endovenosas, intramusculares ou subcutaneas. Não tem acção necrosante como o cyano-cuprol.

A cuproiodase é um composto lipoideo de cobre, iodo e cholestezina. A addição do iodo tem por fim reforçar o poder curativo do preparado.

De facto, os estudos de SIEBERT provam cabalmente a acção benefica do iodo na lepra. Esse autor pensa até numa acção curativa do iodo.

Por seu turno GAMBERINI obteve optimos resultados com o iodeto de ferro.

GOODHNE fez applicações de pomada de iodo na lepra.

Todos esses autores admittem que o iodo tenha uma acção activadora da nutrição e ao mesmo tempo desintoxicante.

A cuproiodase é preparada de dois modos: um para applicações locais, outro para injeções intramusculares e para applicações locais ha duas especies: cuproiodase A e cuproiodase B— cuja unica differença é o accrescimento de salicylato

de methyla a 1% na cuproiodase A, afim de provocar ligeira irritação nos tecidos.

O cobre entra em ambos os preparados na proporção de 0,15 %, e o iodo na proporção de 5 %.

O excipiente, oleo ethereo, confere ao composto propriedade diffusiva.

A cuproiodase é contida em *bocattede* 50 cm.³

O preparado para injeções intra-musculares é acondicionado em ampolas de 2 c. c.; cada ampola contém 3 miligrammos de cobre e 8 centigrammos de iodo.

Os autores só empregam o cuprocyan por via endovenosa e o cuproiodase por via intramuscular e em applicações locais.

A dose empregada é de 5 c. c no inicio, que depois é augmentada até 10 c. c. dados com intervallo de 5 dias.

Uma serie de injeções corresponde a 12 e 30.

Pode-se tambem fazer uma cura mixta de cuprocyan por via endovenosa e de cuproiodase por via intra-muscular.

Neste caso as injeções de cuprocyan devem ser feitas de 8 em 8 dias e as de cuproiodase em dias alternados no tempo que medeia entre as injeções de cuprocyan.

Os autores relatam 20 observações e concluem dizendo que se não podem falar de cura, podem entretanto afirmar que as notaveis melhoras obtidas nos seus clientes não são inferiores as obtidas com a collobiase e o oleo de chaulmoogra e o anti-leprol.

Sob a acção dos preparados de cobre os nodulos leprosos se reabsorvem, os bacillos se chromatolizam e o estado geral dos doentes melhora consideravelmente.

F. S.

ERYTHRODERMIA ARSENICAL CURADA PELA AUTO-HEMOTHE-
RAPIA. — MM. VANHAECKE E LE MARC HADOUR. —
(*Gazette des Praticiens*, n. 558. — Lille, 15 Maio 1923).

Trata-se de uma doente que tendo sido submettida a um tratamento pelo 914 começou a sentir, depois da oitava injeção, pruridos nas mãos e nos ante-braços. Em pouco tempo apresentou-se um erythema generalizado: a pelle hyperemiada, edemaciada, espessada, resudante e excoriada ao nível da face e dos membros; o couro cabelludo coberto de crôstas amarelladas agglutinando os cabellos.

Não havia febre nem albuminuria. O estado geral era satisfactorio. Prescripto o regimen lacteo-vegetariano e uma pasta boratada fraca para uso externo, a doente não melhorou.

Lembraram-se então os AA. de praticar a auto-hemotherapy, á semelhança do que se faz nas dermatites exfoliantes de causa ignorada. Com a primeira injeção sub-cutanea de 10 c. c. de sangue retirado da propria doente por punção venosa e praticada na face externa da coxa, a melhora foi sensível. Depois de sete injeções, feitas no periodo de 27 dias, a doente foi considerada curada: a pelle voltou ao estado normal, tendo cessado a descamação, excepto nas mãos, ante-braços e pescoco que apresentavam ainda algumas escamas, que por sua vez tambem se destacaram.

SYPHILIS BRONCHO-PULMONAR CURADA PELO TRATAMENTO
ESPECIFICO. — MM. AUGUSTE E VERHAEGHE. — (*Gazette des
Praticiens*, n. 658. — Lille, 15 Maio 1923).

Referem-se os AA. a uma doente que, apresentando signaes de bronchite generalizada e amollecimento da parte media do pulmão direito, com temperatura de 37°, 5 a 39°, pulso fraco e rapido, estado geral pessimo, vinha de ha

muito sendo tratada como portadora de uma tuberculose pulmonar. Feitos diversos exames de escarro com homogeneização e em todos elles não sendo encontrado o bacillo de Koch, o diagnostico de tuberculose foi posto á margem, quando varias lesões cutaneas, ulcerosas, de bordos não descollados, vieram esclarecer o caso. Wassermann positivo. Instituida a medicação especifica pelo biiodureto de mercurio (1 centigr. diariamente em injeccão) depois de verificado o perfeito funcionamento do rim, em poucos dias os resultados foram milagrosos: os signaes esthetoscopicos melhoraram, a tosse desapareceu, a cyanose diminuiu, as ulcerações cicatrizaram, o estado geral da doente melhorou.

Conclusão:— «quando varias homogeneizações bem feitas não tenham podido revelar o bacillo nos doentes apresentando uma syndrome clinica que lembre a da tísica, será prudente abandonar o diagnostico de tuberculose».

ACÇÃO DA GENESERINA SOBRE AS SECREÇÕES SALIVARES E PANCREATICAS.—MM. POLONOVSKI E P. COMBEMALE. — (*Gazette des Praticiens*, n.º 557. — Lille, 1.º de Maio de 1923).

Estudando, em cães, a acção da geneserina, alcaloide recentemente extrahido da fava de Calabar sobre as glandulas salivares e pancreas, os AA. observaram que injeções endo-venosas de salicylato de geneserina, em soluções a 1% e a 1‰, determinam a hypersecreção destas glandulas, por intermedio do systema nervoso. Este effeito, entretanto, é mais fraco e mais tardio que o produzido pela eserina. A geneserina tem como antagonista a atropina e sua toxidez é muito menor que a daquella, facilitando assim o seu manejo em clinica.

No mesmo numero desta «Gazeta» se encontra uma referencia aos «primeiros resultados therapeuticos» obtidos pelos Profs. SURMONT e POLONOVSKI com a geneserina, em

diversos casos de dyspepsias hypopepticas dos nervosos, principalmente as ligadas á syndrome solar. Estes resultados, sempre felizes, dependem de uma dupla acção do alcaloide: excito-secretôra das glandulas salivares e pancreaticas, e calmante nervino.

EXTRACTO HYPOPHISARIO NO TRABALHO DO PARTO. — Dr. ARNALDO DE MORAES. — (*A Folha Medica*, n. 12. — Rio, 16 Junho 1923).

Depois de citar e de criticar ligeiramente as opiniões de diversos autores como Mundell, Max Dorland, Rucker e Haskell, Pouliot e Truchard, e outros, sobre o uso do extracto hypophysario (pituitrina, etc.) em obstetricia, o A. acha, baseado em estatisticas e em dados clinicos, que elle é util, em doses pequenas ($1/4$ a $1/2$ c. c.), na hypotonia primaria, sendo a bacia normal e estando o feto vivo com a cabeça insinuada e flexionada, o collo uterino firme e dilatado para mais de quatro dedos. É util ainda, em injeções intra-venosas, na operação cesariana depois de esvasiado o utero. Em caso de hypotonia secundaria é preferivel o emprego de um sedativo associado á cafeina, porque, em vez de excitar a fibra uterina já intoxicada pelo trabalho demorado (o que aconteceria com um oxytocico), auxilia a desintoxicação muscular do utero, relaxando-o e facilitando a sua circulação sanguinea e a de seu conteúdo.

Terminando, o A. lembra as palavras do Prof. Fernando Magalhães em uma de suas ultimas aulas: «— É muito mais difficil conhecer em toda a sua plenitude a acção e indicação do oxytocico do que de uma operação extractiva» e que o extracto da hypophyse «é a causa que mais frequentemente determina a dystocia accrescida, á dystocia profissional».

J. S.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- Paris Médical*, ns. 23, 25.
La Semana Medica de Buenos-Aires, ns. 25, 26.
La Cronica Medica, Lima—Perú, ns. 715 a 719, de 1923.
A Folha Medica—Rio de Janeiro, ns. 13, e 14—1923.
Boletim da Academia Nacional de Medicina, ns. 5, 6—1923.
Long Island Medical Journal, n.º 6—1923.
Boletim Sanitario n.º 2, Maio—1923—Publicado pelo Departamento Nacional de Saude Publica.
Archivos Brasileiros de Medicina, n.º 6—1923.
Revista de la Asociacion Medica Argentina, ns. 219, 222—1923.
La Prensa Medica, Habana—Maio 1923.
Bollettino dell' Instituto Sieroterapico Milanese n.º 1—Junho 1923.
Gazette des Praticiens n.º 560—1923.
La Rassegna di Clinica, Terapia e Scienze Affini—Março, Abril—1923.
Brasil Medico—Rio de Janeiro, n.º 2—1923.
Laboratorio Clinico, Rio Janeiro—Maio 1923.
Bulletin of The Johns Hopkins Hospital, Baltimore—1923.



OUATAPLASMA
do Doutor **ED. LANGLEBERT**
Curativo emolliente aseptico instantaneo
ABCESSOS, ECZEMAS, PHLEBITES, INFLAMMAÇÕES DA PELLE
DEPOSITO GERAL : 10, Rue Pierre-Ducroix, PARIS. — E em todas as Pharmacias. €